

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO V

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume II



COIMBRA / 1951

Ayala e Aljubarrota

Reuniram-se na personalidade, insigne, de Ayala condições suficientes para nos haver legado, na Crónica de D. João I de Castela, uma descrição de Aljubarrota, e de seus antecedentes estratégicos, bastante superior, em precisão e abundância de pormenores técnicos, à que, de facto, nos deixou.

Com mais de cinquenta anos em 1385, possuía ele já então larga experiência da guerra — estivera até em duas grandes batalhas, Nàjera e Roosebeke : na primeira (1367) com Henrique II, como alferes ou porta-estandarte da Ordem da Banda ; na outra (1382), com Carlos VI de França, no grupo de nobres escolhidos para sua guarda de corpo.

Intimo de seu soberano (já o fora do anterior), é de supor que Ayala assistisse às reuniões de magnates que aquele, sem dúvida, convocou desde Ciudad-Rodrigo — e não apenas no dia 14 de Agosto, em frente da posição portuguesa — «como orne que se pagaba mucho de estar en consejo». Julgo, pois, legítima a indução de que teve perfeito conhecimento dos motivos das decisões estratégicas mais importantes, entre elas a da escolha da estrada de Leiria, de preferência à de Tomar, para a projectada marcha de Coimbra a Santarém.

Transitando agora do campo operativo para o tático, penso que Ayala também não pode ter ignorado, embora apenas com grosseira aproximação, o efectivo do exército no dia da batalha — pelo menos no que respeitava aos homens de armas, aos bésteiros e aos ginetes, isto é, às principais especialidades das tropas de combate castelhanas da época. Eis, sumariamente, as razões em que para tal me fundo : a) a hoste invasora realizou, como consta de Fernão Lopes, um «alardo» entre Coimbra e Leiria (suspeito que em Pombal ou suas imediações); claro que esse alardo ou revista — semelhante, por certo, a tantos mais que os

cronistas peninsulares assinalam nas campanhas da Baixa Idade Média — deve ter tido, além de outros fins que aqui não importa particularizar, o da contagem dos homens após as quebras da marcha até então; *b*) ainda que a referida contagem fosse de pouca confiança — como realmente parece que, por via de regra, sucedia em casos idênticos — creio que ela teria dado uma ideia da *ordem de grandeva* dos efectivos disponíveis; *c*) entre os dois dias prováveis do alardo, 11 e 12 de Agosto, e a data da batalha, 14, não pode haver-se produzido redução sensível do efectivo da coluna; *d*) é, por ultimo, de presumir que Ayala haja sido informado do quantitativo dos contingentes que, segundo Fernão Lopes, as guarnições das praças castelhanas da Estremadura e, bem assim, a equipagem da frota de bloqueio a Lisboa enviaram a Leiria para reforço da hoste.

*

* * *

Exposta minha opinião a favor da possibilidade — melhor: duma probabilidade vizinha da certeza — de que Ayala conhecesse quer as razões que pesaram no espírito do seu Rei para seguir, ao sul do Mondego, a estrada de Leiria, e não a de Tomar; quer, também, o efectivo *oficial* da hoste, vou passar à investigação das circunstâncias — umas, favoráveis; outras, adversas — que, no dia da batalha, devem ter facilitado ou, inversamente, restringido a observação pessoal do famoso cronista.

Em primeiro lugar, não pode haver a menor dúvida de que, ao alcançar, vindo de Leiria, as proximidades do sítio da actual vila da Batalha, ele viu o exército português desenvolvido para combate, frente ao norte, sobre os esporões que, a umas centenas de metros para sudoeste do Mosteiro da Batalha, se erguem entre os ribeiros da Calvaria e do Vale da Mata, pois que isso não escapou ao Rei de Castela, como ressalta do passo seguinte duma sua carta, de 29 de Agosto, quinze dias após a batalha, ao concelho de Murcia: «Ellos» (os portugueses) «se pusieron desde la mañana» (concorda com o que se induz de Fernão Lopes) «en una plaza fuerte» (entenda-se: posição forte por natureza) «entre dos arroyos de fondo cada uno diez ó doce brazas» (realmente cerca de 20 a 25 m abaixo da *cr'ista militar* ocupada, parece, pelos portugueses).

Em segundo lugar, é tambe'm seguro que, pouco depois, acompanhou o movimento torneante da hoste, indicado por Fernão Lopes, pelo anónimo da Crónica do Condestabre e, também, pelo seu Rei — este (4) pela seguinte forma: «quando vimos que non los podiamos acometer por alli» (subindo à posição atrás referida) «ovimos todos de rodear» (a Oeste, precisa Fernão Lopes) «por otra parte que nos pareció más llano» (i. é, para atingir a explanada de S. Jorge, na parte norte da então chamada «cumeira de Aljubarrota», na rectaguarda dos nossos).

Em terceiro lugar, pode, sem dúvida alguma, observar, de flanco, a *parada* que o comando português logo opôs à manobra castelhana, com a inversão, frente ao sul, do seu dispositivo de combate e subsequente translação de 2 km. ao longo da «cumeira», para as imediações do local da posterior ermida de S. Jorge. Mais: examinou ainda, a pequena distância, a nova posição portuguesa, bem como a distribuição sobre ela das forças que a guarneciam, por isso que, segundo Fernão Lopes, foi um dos parlamentários que, antes de pronunciado o ataque, falaram com Nuno Alvares no espaço intermédio entre as duas hostes e, conforme o próprio Ayala (2) relata, «cataron é avisáronse bien de la ordenanza que tenian los de Portugal».

Quanto, porém, à situação em que se encontrou para observar o combate, é impossível determiná-la com certeza absoluta. Permaneceu junto do Rei? Ou enfileirou, como alferes, que ainda era, da Ordem da Banda, entre os homens de armas castelhanos que, com os portugueses e os franceses de seu partido, entraram na composição da vanguarda, única das quatro grandes unidades tácticas que chegou a empenhar-se a fundo?

A possibilidade de, porventura, se haver verificado a primeira hipótese baseia-se, dum lado, em certos passos de Ayala e do Rei de Castela (este, na carta já citada, de 29 de Agosto), dos

(1) Carta acima referida, transcrita dos *Discursos* de Cáscales, in *Biblioteca de autores españoles*, tom. LXVII (II das *Crónicas de los Reyes de Castilla*), ig.3o, pág. 152.

(2) Tanto esta citação como todas as outras que adiante farei de Ayala são extraídas do texto de suas crónicas de D. Pedro I, D. Henrique II, D. João I e D. Henrique III de Castela nos tomos LXVI e LXVII da já mencionada *Biblioteca de Autores Españoles*, texto esse ordenado por anos, tornando fácil a consulta sem indicação de páginas.

quais consta que a vanguarda castelhana (entenda-se: os homens de armas que no efectivo dela se contavam) atacou sem autorização do Soberano, senão mesmo contra sua ordem expressa (versão de Ayala); do outro lado, em que o mesmo Ayala foi, sem dúvida, um dos que, à volta da entrevista com Nuno Alvares, disseram ao Rei: «nuestro consejo, es que las vuestras gentes estén quedas, é que esperemos si los enemigos saldrán de aquella ventaja que tomaron» (flancos protegidos, em grande parte, pelos vales denominados de Madeiros e da Mata). A ajuizar apenas pelo passo agora transcrito, não pareceria que Ayala saísse de ao pé do Rei para ir para a vanguarda.

Consideremos a segunda hipótese, a de aquele se ter incorporado num ataque empreendido, segundo suas próprias palavras, contra a vontade do Soberano. Suponhamos, por um momento, que ela se não verificou. Nesse caso, porém, como explicar o haver Ayala ficado prisioneiro na batalha? Claro que, se tivesse continuado junto do Rei, seria natural que depois o acompanhasse com os poucos que, ao cair da noite e desencadear do pânico, lhe serviram de escolta na fuga para Santarém; ou, na alternativa, que conseguisse agregar-se ao Mestre de Alcântara, que, abandonando então suas tentativas de forçar o nosso «curral» (formação compacta das azémolas e dos solípedes de sela, desmontados), andava procurando e reunindo, na medida do possível, os homens dispersos. Numa e noutras dessas circunstâncias, ter-se-ia naturalmente salvo, o que, porém, sabemos que lhe não sucedeu. Logo, há que concluir pela probabilidade — embora não certeza — de sua participação pessoal no ataque, a pé, da vanguarda. Mas se essa participação, de facto, se produziu, que teria ele podido observar dos pormenores da refrega? A primeira vista parece que muito; calculo, porém, que pouco, pelas razões que vou aduzir.

Homem de idade já um tanto propecta, é crível que, pela cadência acelerada com que, segundo induzo de Fernão Lopes, o assalto se realizou, ele fosse dos que, a certa altura, «começarão de se fazer fiquadiços, huus tras outros» (3), facto que, a pouco e pouco,

(3) As minhas citações da Parte n da *Crónica de D. João I* são feitas, quanto à descrição da batalha, pelo códice 3go Mss. da Biblioteca Nacional; quanto a todo o outro texto, pela edição dos srs. drs. Lopes de Almeida e Magalhães Basto.

transformou a vanguarda castelhana, de a\ *dobrada* (dispositivo tático em linha de 4 fileiras, suponho, e, no caso em questão, de umas 350 filas de frente) numa espécie de coluna, desordenada, estreita e tão profunda que «avya huü lanço de pedra dos trazeiros aos dianteiros» (Fernão Lopes). Pode assim ter acontecido que, na ocasião em que o bloco castelhana de ruptura chocou com a vanguarda portuguesa — saída de seu lugar, em contra-ofensiva lenta, mas ordenada — Ayala já houvesse descaído para as últimas fileiras. Ora como a testa do referido bloco, embora tivesse aberto uma brecha na vanguarda portuguesa, se viu, pouco depois, imobilizada pelo rápido contra-ataque envolvente da reguarda, ou 2.^a linha tática, e das massas de peões dispostas atrás das alas portuguesas (sectores laterais da 1.^a linha tática) nem todos os homens de armas que formavam o citado bloco conseguiram penetrar no interior da posição. Isso ressalta do que, a propósito, escreve Fernão Lopes: «E sendo a az» (da vanguarda castelhana) «grossa daquela maneira e a dos portugueses» (isto é, a da sua vanguarda, guarnição do sector central da 1.^a linha tática) «pequena e singela» (2 fileiras apenas, julgo, de 300 homens de armas, cada uma) «foi rota por força a sua vanguarda e entrada poderosamente dos imiguos ; e aquele magote de gente que dizemos abriu huü grande e largo portal por omde entrou a maior parte deles... ».

E, pois, provável que Ayala fosse dos que não chegaram a entrar, escapando assim ao esmagamento que o *grosso* da coluna de assalto sofreu após escassa meia hora de refrega, em que os homens de armas da periferia caíram mortos, feridos ou prisioneiros e os do interior do bloco tombaram, creio, em sua maioria, asfixiados por compressão, pois só a eles, penso, se podem aplicar as palavras seguintes de Fernão Lopes: «muitos» (castelhanos) «que jaziaõ mortos não tinhão nenhũa ferida». Os próprios prisioneiros então feitos pelos nossos foram, parece, depois trucidados, na sua quase totalidade, pela peonagem exaltada, como sucedeu, por exemplo, a Diogo Alvares Pereira, irmão do Condestável, apesar de entregue, pelo Rei, à guarda de Egas Coelho.

Aduzidos os motivos que me levam a sugerir a probabilidade de Ayala haver tomado parte no assalto da vanguarda castelhana sem, contudo, ter conseguido penetrar no interior da posição por-

tuguesa, há agora que salientar as condições precárias de sua observação pessoal durante o avanço e a refrega na orla da referida posição (não falo da, depois, travada já dentro do campo português). Os homens de armas, uma vez descida, para combate, a cara do bacinete, ficavam com um sector de visão muito limitado — isso se infere da forma como Fernão Lopes descreve a morte de João Preto, escudeiro português, numa tentativa de assalto a Tui (1398), atribuindo-a a ele ter levantado a «cara» do bacinete para «aver hua pouca mais de vista da que receber podia» (pela fenda ou pelos orifícios abertos na referida cara), dando assim aso a que um virotão o atingisse entre os olhos. No caso de Ayala acresce ainda a circunstância de o terreno na zona do choque (S. Jorge) ser sensivelmente de nível, pelo que as primeiras fileiras da coluna deviam encobrir às seguintes o que junto a elas se passava.

*

* *

Expostas as considerações anteriores, destinadas a definir, tanto quanto possível, as circunstâncias em que Ayala se encontrou para a descrição da marcha de invasão e narrativa da batalha, passo a ocupar-me da forma pela qual em seu texto são versados certos pontos de importância capital para a inteligência das operações, da fronteira a Leiria, e dos episódios tácticos no dia da batalha; a igual tempo, tentarei descortinar as prováveis causas da omissão, no mesmo texto, de outros pontos também essenciais para uma suficiente compreensão dos sucessos.

i.º *Progresso da invasão.*

Lê-se em Ayala que o Rei de Castela, «despues que fue en el Regno de Portugal, non se detuvo, salvo andar de cada dia. E tomó luego un castillo que dicen Celorico de la Vera, é dexó y gentes que le guardasen. E pasó por Coimbra, é fizo quemar el arraval de la cibdade, que era muy grande. E dende fuese fasta que llegó á Leyra».

Omite o cronista, como se vê, a data da passagem da raia. De igual forma, não precisa se o Rei marchou sempre com o

grosso da hoste, fazendo as mesmas etapas que ele. A ausência, todavia, de indicação em contrário parece autorizar a interpretação de que o Rei e sua guarda de corpo (uns centos de cavaleiros, presumo por várias analogias históricas) caminharam juntamente com o corpo da coluna, em marcha contínua — isto é, sem quaisquer dias intercalados de descanso — desde a travessia da fronteira, a leste de Almeida, até Leiria. Assim o entendeu Fernão Lopes no período que dele vou transcrever, cujo princípio foi seguramente redigido em presença do texto de Ayala: «El Rei de Castela [...] entrou em Portugal pela comarca da Beira e não se deteu em nenhum lugar, mas cada dia andava *cõ sua oste* certas jornadas que não podiaõ ser grandes e longuas «(observação justa) «por a *graõ* carriagem» (termo que à época se applicava não apenas às viaturas, mas ainda às azémolas) «e muitas gemtes que trazia.»

Será, porém, lícito admitir que uma coluna medieval e, para mais, já pesada pelo seu efectivo — não menos, pelos meus últimos cálculos, de umas duas dezenas (4) de milhar de homens (incluindo os não-combatentes) — possa ter vindo da fronteira de Almeida a Leiria em dias seguidos de marcha?... Repare-se em que o percurso, pela margem direita do Mondego (a travessia deste, em Coimbra, é atestada por Fernão Lopes), regularia por uns 260 km..

Mas há mais: a notícia — que também em Fernão Lopes se contém, e à qual já atrás aludi — dum alardo entre Coimbra e Leiria, alardo esse que provàvelmente demorou dois dias, tempo que sabemos ter levado, quer o da pequena hoste de D. João I em Tomar, quer o que, doze anos antes (13y3), fizera Henrique II de Castela, em Torres Novas, preparando-se para a eventualidade de D. Fernando, à ocasião em Santarém, lhe sair ao encontro. Por outro lado, se o alardo de 1385 foi, como tudo me leva a supor, em Pombal ou próximo de Pombal, continua, todavia, subsistindo a dificuldade de acreditar em que a hoste invasora não tenha tido, pelo menos, uma paragem anterior no caminho, pois que da fronteira de Almeida até o provável local do alardo, seriam ainda

(4) Neste e ainda noutros pontos modifiquei a opinião expressa, há uns vinte anos, no meu artigo *De Extremof a Aljubarrota*, publicado em *O Instituto*.

pelo itinerário provável, cerca de 240 km.. Suspeito de que realmente a teve, no «arraial» da margem esquerda do Mondego), em frente de Coimbra, já porque os *raids* dos destacamentos de *rabias* que de lá irradiaram, como conta Fernão Lopes, mal se explicariam se o «grosso» da hoste não tivesse então estacionado, pelo menos, um dia inteiro; já porque o incêndio do grande arrabalde de Coimbra (não referido por Fernão Lopes, mas documentado, como vimos, por Ayala, que decerto o observou) presuppõe um anterior saque, com repartição dos despojos, tudo operações que, juntas à preparação do incêndio, devem ter impedido a hoste de retomar a marcha nesse dia.

A título de analogia histórica, acrescentarei: 1.º, que a hoste de Henrique II, na segunda fase da invasão de 1372-1373, estacionou quatro dias completos em frente e nos arredores de Coimbra, como Montemór, Sernache e Tentugal (*Livro de noa de Santa Crui de Coimbra*, fl. 26); 2.º, que essa paragem também não consta da crónica, por Ayala, do mesmo Rei, e até parece contraditada por suas palavras: «... El Rey don Enrique non se detovo en la cibdad de Coimbra»; 3.º, que, entretanto, o passo agora transcrito de Ayala deve, porventura, ser condicionado por um outro, anterior, em que o cronista menciona a junção à hoste régia, em Coimbra, duma coluna de tropas do sul de Castela que «avian entrado por Alcántara» (i. é, creio, por Segura) — talvez ele quisesse dizer que o Rei partiu logo depois da reunião das duas colunas.

E já que tive de me reportar à citada campanha de Henrique II, aproveitarei a oportunidade de extrair das fontes respectivas alguns elementos que, por acaso, elas nos facultam para avaliar, aproximadamente, a extensão das etapas da hoste castelhana de 1373, desde a partida dos arredores de Coimbra até à chegada em frente de Lisboa. Claro que, por essa forma, se poderá alcançar uma base para a estimativa da grandeza da provável etapa média da invasão de 1385 no trajecto de Celorico da Beira a Coimbra, para o qual, infelizmente, não são conhecidos os estacionamentos intermédios e suas datas.

Ora, por um lado, o Livro de Noa, acima mencionado, põe a partida de Henrique II, dos arredores de Coimbra, em 13 de Fevereiro; por outro, Fernão Lopes coloca a chegada «sobre Lisboa» em «huma quarta feira» (aliás, terça-feira) «á hora de terça»

(por essa altura do ano, cerca das 9 1/2 solares da manhã) «vijmte e tres dias do mes de fevereiro» (*Crónica de D. Fernando*, cap. Lxxii, nos *Inéditos* da Academia das Ciências). Há agora que descontar, na duração do percurso, os dois dias que, segundo Ay ala, Henrique II se demorou junto de Torres Novas, «rigiendo sus gentes é ordenando sus batallas»; de aí resulta não terem chegado a 8 1/2 os dias de marcha efectiva. Quanto ao itinerário, é de presumir que ele fosse, até Torres Novas, o de Penela, ou Miranda do Corvo, Chão de Couce, Ceras e Tomar, pois que, pouco antes da citada invasão, o nosso D. Fernando, prevendo-a, chegou a pensar em oferecer batalha no Chão de Couce (*Crónica de D. Fernando*, cap. LXXII) ; a mesma estrada foi igualmente seguida, em Janeiro de 1384, por D. João I de Castela com uma escolta de, parece, quinhentas lanças. De Torres Novas para baixo, sabemos, por Fernão Lopes, que Henrique II tomou o caminho de Alcanhões (7 km. a NNE. de Santarém), localidade onde «foy çerto que elRei Dom Fernamdo» (então em Santarém, com poucas forças) «nom queria pelear com elle», pelo que saiu de lá, em 19 de Fevereiro, torneando Santarém pelas Abitureiras (12 km. a NO. de Santarém), a fim de ir sobre Lisboa, onde, como acima disse, chegou por volta das 9 1/2 da manhã de **23**.

Vejamus agora as extensões aproximadas dos dois troços do trajecto: o de Coimbra, digamos, a Alcanhões e o de Alcanhões a Lisboa. A do primeiro deve ter regulado por 120 km.; a do segundo, por 90 km. (último lanço, não por Sacavém, mas pelo Tojal e Lumiar, segundo se induz de Fernão Lopes) — total do percurso: aproximadamente, 210 km.. A etapa média efectiva foi portanto, conforme parece, de quáse **25** km.. Será de admitir a mesma média para a hoste castelhana de Aljubarrota no troço de Celorico a Coimbra? Inclino-me, hoje, a que a de **1385** tenha sido bastante inferior — à roda de 18 km. — e isso porque, além doutros motivos, a invasão desse ano deve ter sido empreendida por forças mais consideráveis que as de **13y3**; quanto maior o efectivo duma coluna, mais pesada ela é. Para melhor esclarecimento do assunto, vou apresentar alguns outros exemplos de etapas da época, embora eles não tenham o peso do anterior.

Começarei pelas duas marchas estratégicas de D. João I de Portugal em Julho de **1385** : uma, de Torres Novas a Alenquer, com duas travessias do Tejo; outra, de Alenquer a Abrantes,

também com duas passagens do mesmo rio. Ambas foram realizadas, segundo Fernão Lopes, em quatro dias seguidos. A extensão da primeira deve ter sido de uns *yb* km.; a da segunda, de cerca de 100 km.; médias diárias: respectivamente *rvi9* e 25 km., números estes em cuja consideração se deve, todavia, entrar, dum lado, com o pequeno efectivo da hoste (poucos milhares de homens, certamente), o que tornava a coluna mais ligeira; do lado oposto, com a retardação devida, em cada marcha, às duas travessias a vau do Tejo. Resta ainda atender, para a primeira marcha, quer à paragem que, sem dúvida, houve em frente de Santarém, para repelir certo ataque de forças da sua guarnição; quer à circunstância de, a essa altura, a hoste seguir, não em coluna de estrada, mas disposta «em batalhas», isto é, em formação preparatória de combate, de lenta progressão.

Para terminar, algumas estimativas mais, desta vez quanto a certo troço — o único que nos chegou rasoavelmente documentado — do itinerário da campanha portuguesa de Gória (Maio-Junho de 1386). Foi ele o de Almendra - Escalhão - Castelo Rodrigo - Almeida - imediações de Ciudad Rodrigo, cuja extensão calculo em cerca de *j5* km.. Ora, segundo minha consulta da chancelaria de D. João I, este esteve em Almendra a 27 de Maio; em Escalhão desde, pelo menos, 28 do referido mês até 6 do seguinte, Junho; e já se encontrava três dias depois, 9, no seu arraial de «a-par» de Ciudad Rodrigo. Por outro lado, parece induzir-se de Fernão Lopes que ele se demorou umas vinte e quatro horas em frente de Almeida. Descontando agora aos treze dias de 28 de Maio (provável partida de Almendra) a 9 de Junho (plausível data da chegada a Ciudad Rodrigo), os oito, completos, da paragem em Escalhão e mais um, equivalente à tarde dum dia e à manhã do seguinte, em Almeida, temos apenas quatro dias de marcha efectiva, isto na hipótese, repito, de que a data, 9 de Junho, do documento de Ciudad Rodrigo fosse a da chegada aí, que todavia é, em rigor, possível que já houvesse sucedido a 8 de Junho. Daqui concluo que a média das etapas não deve ter sido inferior a 18 km..

Cumpre ainda notar que, segundo Fernão Lopes, a hoste parece ter marchado numa só coluna (depois, dividiu-se em três) até às vizinhanças de Ciudad Rodrigo; mais, que a mesma coluna tinha, por certo, um efectivo considerável, por isso que no alardo

da Vilariça, em Trás-os-Montes, donde ela vinha, se contaram 4 500 lanças (talvez, porém, incluindo os ginetes), o que me leva a supor, por comparação com outros casos, que, em seu total, o referido efectivo devia atingir, com besteiros, homens de pé (lançeiros, fundibulários e pavesados) e os não-combatentes (azeméis e moços ou pagens de homens de armas), cerca de 15.000 homens e 8.000 solípedes de sela, carga a dorso e tracção, números estes entre metade e dois terços dos que, segundo os meus últimos estudos, podem, *grosso modo*, calcular-se como os mais prováveis para a hoste castelhana de Aljubarrota.

Assim, afigura-se-me admissível o postulado de que a coluna castelhana de 1385 tivesse feito etapas de, em média, 18 km. desde Celorico da Beira, ou suas proximidades, até os arredores de Coimbra, ao longo, portanto, dum trajecto de cerca de 130km., no qual se incluiu, por certo, a travessia do Bussaco. A tomar-se como boa a etapa média referida, o respectivo troço do itinerário de 1385 teria exigido sete dias da marcha efectiva e, provavelmente, um de descanso, intercalado, espaço de tempo que não colide com o que Fernão Lopes diz da marcha — «não muy de vaguar» — no mencionado troço. Claro, porém, que o que acabo de dizer se refere às tropas, não ao Quartel General, permitasse-me o termo, porque, quanto ao Rei e sua guarda de corpo, as etapas, no troço em questão, podem ter sido diferentes — não havia que prever qualquer encontro com a hoste portuguesa, então ainda a grande distância, pelo que a marcha, vale do Mondego abaixo, não passaria de simples passeio militar.

A distinção que fiz entre as etapas do grosso da coluna castelhana e as do Soberano foi provocada pela notícia deste, em sua já aludida carta ao «concelho» de Múrcia, de que à data da batalha «avia catorze dias que íbamos camino en litera», o que embora, pelas razões atrás aduzidas, não possa aceitar-se à letra, é lícito admitir como representando a duração total (dias de paragem incluídos) do percurso do Rei desde Celorico, ou suas vizinhanças, até ao campo da batalha — uns 220 km., números redondos. Desta forma, julgo plausível a indução de que a hoste castelhana deixasse os estacionamento da sua zona de reunião (Almeida - Celorico - Fornos, suspeito) pelos últimos dias de Julho, e de que o Rei partisse de Celorico, ou seus arredores, a 1 de Agosto.

Previno agora a eventualidade de se me formular uma pergunta : quais as razões em que, porventura, me fundo para incidentalmente sugerir que a hoste castelhana se organizou dentro de Portugal, pela reunião de contingentes vindos sucessivamente de Castela; e não cruzou a raia, já integralmente constituída? Vou responder.

Primeira razão, a estada do Rei de Castela em Celorico a 21 de Julho, demonstrada, como atrás se viu, pelo seu testamento; ora ele, segundo hoje penso, só deve ter chegado em frente de Coimbra uns dezassete dias depois, cerca de 7 de Agosto, data em que, também pelos meus cálculos, Nuno Alvares, irritado pela inépcia dalguns outros membros do Conselho do nosso D. João I, partira, por sua iniciativa, de Abrantes «com toda sua gente» (uns 2.500 a 3.000 combatentes) «caminho de Tomar per hõde elrey de Castela vinha» (aliás, erradamente se julgava, pelas precedentes invasões, que ele viria). Deste passo, que cito da *Crónica do Condestabre*, se infere, julgo, a probabilidade de que a referida marcha de Nuno Alvares fosse determinada por informações da espionagem portuguesa, conforme as quais a testa da profunda coluna castelhana estaria uns quatro dias antes (cerca de 3 de Agosto) à altura, mais ou menos, de Oliveira do Conde — portanto, em marcha sobre Coimbra, donde era, realmente, de supor que prosseguisse por Tomar. Do que deixo dito resulta, creio, a probabilidade, também, de que o Rei de Castela tivesse estacionado em Celorico, ou suas proximidades, desde 21 de Julho, senão antes, até 3i do mesmo mês. Mas a que attribuir essa demora de, pelo menos, onze dias em Celorico ? Não vejo outras causas possíveis senão a de seu precário estado de saúde e a de querer aguardar a chegada de mais tropas.

Segunda razão: entre a raia e o Alto Mondego existiam certas fortalezas em poder do invasor desde o ano transacto, de 1384; o território respectivo era como se já fosse castelhano.

Terceira razão: podia contar-se com que o afluxo, contínuo, de tropas castelhanas à região intimidasse—como, de-facto, intimidou — alguns dos principais fidalgos da Beira Oriental que contudo, menos de dois meses antes (primeiros dias de Junho, segundo calculo), tinham alcançado a vitória de Trancoso.

Quarta razão: o precedente de Henrique II, que na sua invasão atrás referida, de 1373, também entrou com poucas tropas,

esperando depois em Viseu e, mais tarde ainda, em Coimbra, pela vinda de reforços.

Rematando, tudo me leva a crer: i.º, que carece de rigor a afirmação de Ayala, de que o Rei de Castela «despues que fué en el Reyno de Portugal non se detuvo, salvo andar de cada día» ; 2.º, que a zona de concentração dos contingentes dos «capitães», das «ordens» e dos concelhos, na campanha de 1385, foi já dentro de Portugal, entre o Alto Mondego e a raia.

2.º *Omissão das razões da escolha da estrada de Leiria, de preferência à de Tomar, para o troço a sut de Coimbra da projectada marcha para Santarém.*

Conta Ayala que D. João I de Castela, respondendo em Ciudad Rodrigo àqueles do seu Conselho que, por certos motivos, se mostravam adversos a que ele entrasse «por su cuerpo, con todos los suyos» em Portugal, lhes dissera que «su voluntad era» (subentende-se: apenas) «de entrar por la comarca de Vera» (Beira) «e' destruírla é facer el daño que pudiese» (certamente, embora Ayala o não refira, como vingança da derrota, recente, de Trancoso) «é tornarse, e' que non queria pasar los puertos» (alusão, creio, aos da Serra do Bussaco) «fasta Coimbra, é que de allí» (região de Viseu Lamego) «se tornaria é ponia sus fronteras» (comandantes dos sectores da raia) «segund el consejo que ellos le daban» *{guerra guerreada* — nome, ao tempo, do sistema de operações fronteiriças de *pequena guerra* — com 1.000 lanças no sector de Badajoz, 500 no de Alcântara-Ciudad Rodrigo e outras 500 no da Galiza). Logo a seguir, acrescenta: «E como quier» (se bem que) «el Rey así lo decía, su entencion era llegar fasta Santa-rén», onde, ajunto de minha parte, deixara no ano anterior, quando retirara do chamado céreo de Lisboa — na verdade, mais bloqueio que sítio formal — nada menos, segundo Ayala, de 600 homens de armas (Fernão Lopes diz 800) e 300 be'steiros, efectivo, repare-se, superior ao da totalidade, a essa altura, das guarnições dos outros seus castelos da Baixa Estremadura : Sintra, Alenquer, Torres Vedras e Óbidos. (Fernão Lopes escreve, na Parte I da sua Crónica de D. João I, que os nossos avaliavam, no final de 1384, as lanças de Alenquer em 150 ; e as das outras vilas em 100, para cada uma).

Não fornece, infelizmente, o cronista castelhano quaisquer datas para a estada do seu Rei em Ciudad Rodrigo, nem outras fontes conheço que, com precisão, supram essa falta. Todavia, julgo possível calcular, pelo menos, o limite anterior da referida estada.

Como se sabe, D. João I de Castela recebera antes, em Córdova, a uma altura (meados de Maio, creio) em que aí reunia tropas, um emissário do alcaide de Guimarães, que lhe comunicara haver este ajustado com o nosso D. João I, então no Minho, uma «preitesia» de trinta dias, segundo Fernão Lopes ; quarenta, escreve Ayala, parece que erradamente. Pelos mesmos autores se sabe também que o Rei se dirigira depois sobre Eivas, que bloqueara durante um intervalo de tempo que Ayala não define, mas que Fernão Lopes fixa em vinte e cinco dias, baseado, sem dúvida, numa — talvez, porém, não muito exacta — das várias monografias portuguesas de que tanto se serviu e que mais tarde se perderam. Enfim, temos a informação de Ayala, aceita por Fernão Lopes, de que ao Rei chegara, quando em frente de Eivas, a notícia do desastre de Trancoso, em virtude da qual «partió luego dende é vinose para Ciudad-Rodrigo». Claro, pois, que a principal base do cálculo que nos propomos é a data de Trancoso. Esta, advirto, é colocada por Ayala em Julho, sem, contudo, especificação do dia; Fernão Lopes, de seu lado, nem sequer precisa o mês, embora dele possa deprender-se que talvez supusesse ter sido ainda o de Maio.

Há, entretanto, quatro passos de Fernão Lopes que, conjugados com as datas de lugar de alguns diplomas do nosso D. João I, permitem encerrar a incógnita dentro dum pequeno intervalo. Pelo primeiro desses passos se vê que o Rei recebeu em Guimarães notícia do começo ou, mais provavelmente, dos meados da incursão na Beira; do segundo e do terceiro consta que o Soberano ainda lá se encontrava quando lhe chegou a informação da vitória dos seus, à *tornada* do inimigo ; do quarto induz-se que entre a recepção da notícia e a partida de Guimarães medearam alguns dias, pois essa partida foi, de certo, motivada por outra informação, que parece ter sido posterior à do sucesso de Trancoso: a da iminência duma invasão, em força, pelo Alto Alentejo.

Vou transcrever, por sua ordem, os passos acima citados.

Primeiro passo: «El Rey estava em Guimarães, e pesavalhe muito sabemdo como aquelas gentes emtraraõ no reino e o graõ dapno que assy faziaõ, e dizia por vezes falamdo em isto: — Maravilhado são [...] daqueles fidalgos da Beira, que lá estaõ, andaré asy os imiguos peramte eles como per sua casa, fazendo tanto estrago como dizem que fazem, e não lhes poerem a praça» (i. é, apresentarem-lhes batalha) «e leixarem nos asy rouubar e ir a seu salvuo... » (Suspeito que esta primeira informação proveio de Vizeu ou seus arredores, não de Trancoso). Segundo passo: «El Rey que estava em Guymarães, como dissemos,» (refere-se ao passo acima transcrito) «quamdo lhe chegou recado desta batalha e da boa amdança que os portugueses em ela ouveraõ, foy muy alegre com tais novas ...», Terceiro passo: «Estamdo el Rey assy em Guimarães ledo com as boas novas daquela batalha, cheguoulhe çerto recado» (provavelmente de Fernão Rodrigues de Sequeira, ao tempo «fronteiro-mor» de Lisboa) «que el Rey de Castela com muy grande poder que já tinha jíto, se fazia prestes rnuy triguosamente» (com grande actividade) «pera emtrar em Portuuguual pela parte de Badalhouçe» (Badajoz) «e que a sua frota hera já toda em Lisboa...». Quarto passo: «E posto recado e perssibimento, asy em nos Juguares que tinhaõ tomados, como nos que se lhe deraõ naquela comarqua» (Entre-Douro-e-Minho) «partio el Rey loguo caminho do Porto, com temçaõ dajumtar suas gentes e agoardar el Rey de Castela homde quer que se acertase a lhe poer a praça».

Transito agora para os diplomas de D. João I que ao caso interessam. Foram eles já apontados por mim em *Fernão Lopes*, págs. 19, 43 e 44; de suas datas de lugar consta que aquele passou de Guimarães ao Porto entre 8 e 10 de Junho. Não erraremos, pois, muito — se, acaso, errarmos — admitindo que sua partida de Guimarães sucedeu a 9. E como esta, repito, foi, sem dúvida alguma, determinada pelo anúncio (em dia muito provavelmente posterior, como já disse, ao da recepção da notícia de Trancoso) dos preparativos intensivos duma invasão, com hoste poderosa, pelos lados de Badajoz, é de presumir que a comunicação relativa à vitória de Trancoso haja alcançado Guimarães antes de 8 de Junho — quer dizer: no dia 7, o mais tardar. Ora essa comunicação — transmitida, creio, por uma cadeia de estafetas, ao longo do itinerário, suponho, de Viseu, Albergaria-a-Velha, Porto (o de Lamego-Amarante seria perigoso pela vizinhança de Vila Real,

então inimiga), cuja extensão aproximada calculo em 160 km.— demandou, provavelmente, dois a três dias. E como a partida dela, de Trancoso, deve ter sido pelo princípio da tarde do dia da peleja (altura em que parece que a decisão se havia já pronunciado), há que concluir pela probabilidade de que a data do combate não fosse posterior a 5 de Junho.

Vejamos agora que tempo teria levado a notícia de Trancoso ao Rei de Castela, então em frente de Eivas, na hipótese de o combate haver ocorrido na manhã de 5 de Junho. O itinerário da transmissão deve ter sido, julgo, por Almeida (à época, do partido castelhano, e onde os ginetes fugitivos chegaram, talvez, no mesmo dia), Ciudad Rodrigo, Puerto de Perales, Alcántara, Albuquerque e Campo Maior (em circunstâncias iguais às de Almeida). Avalio o percurso em uns 300 km., donde induzo a probabilidade de que a informação chegasse ao arraial no quarto ou quinto dia seguinte ao do combate, isto é, em 9 ou 10 de Junho.

Isto posto, suponhamos que a expressão de Ayala relativa a seu Soberano no arraial em frente de Eivas, a partió luego dende», quere dizer que o Rei se pôs a caminho no dia imediato ao de ter recebido a notícia. Claro que, a admitir-se tal hipótese, ele haveria seguido só com uma escolta montada ; as tropas teriam ido alguns dias depois e, sem dúvida, realizando etapas de menor extensão. Ora, segundo diz incidentalmente Fernão Lopes, o Rei passou por Arronches ; dessa passagem infiro que o itinerário foi, provavelmente, por Codesera, S. Vicente de Alcántara, Membrió, Alean-tara, Moraleja, Puerto de Perales e Robleda. A ter sido assim, o percurso do «arraial» de Eivas a Ciudad Rodrigo regularia por uns 230 km. (com travessia de serras), que, penso, o Rei e sua escolta venceriam em quatro ou cinco dias — tanto monta dizer que, nas hipóteses consideradas, atingiriam Ciudad Rodrigo entre 13 e 15 de Junho.

Recorro agora a outra base de cálculo, certo passo de Ayala, do qual consta, como vai ver-se, que o Rei de Castela já se encontrava em Ciudad Rodrigo quando lá chegou a informação de que o seu adversário havia passado o Douro em direcção a Coimbra: «Sopo el Rey Don Juan, estando en Ciudad Rodrigo, como el Maestre Davis que se llamaba Rey de Portugal, avia pasado a Duero é se venia para tierra de Coimbra». Ora é de supor que a citada informação dissesse respeito à passagem do

«Maestre Davis», não apenas com uma simples guarda de corpo — isso pouco interessaria o Rei de Castela — mas com toda a sua hoste. A ter sido, de facto, assim, o nosso D. João I dificilmente alcançaria Coimbra (uo km. do Porto, julgo, pela antiga via romana, com a qual devia coincidir, duma forma geral, a estrada de 1385) em menos de quatro dias de marcha.

Por outro lado, o registo da chancelaria de D. João I forneceu dois diplomas régios que também ao caso interessam: um, do Porto, 17 de Junho (Salvador Dias Arnaut, *A Batalha de Trancoso*, 1947, pág. 164); outro, já de Coimbra, 20 de Junho, e referido por mim em *Fernão Lopes*, pág. 44. Desta forma sou levado a induzir que D. João I partiu do Porto em 17 de Junho. Suponho que a notícia, colhida por espíões, seguiu o caminho de Vila Real, ao tempo, do lado castelhano, e de aí passou a Castelo Rodrigo, também do partido de Castela, para depois ir a Ciudad Rodrigo,* porém, mesmo assim, não creio que a transmissão, até final destino, levasse mais de seis dias, contando entre estes o próprio dia 17 — portanto, inclino-me a tomar o dia 22 de Junho como limite posterior do intervalo de indeterminação da data da chegada do Rei de Castela a Ciudad Rodrigo, cujo limite anterior julgo, como atrás disse, poder fixar-se em 13 de Junho, data na qual, recordo agora, o nosso D. João I se encontrava no Porto, vindo de Guimarães uns três a cinco dias antes. Parece, pois, razoável admitir que o soberano inimigo chegou a Ciudad Rodrigo à roda de 18 de Junho. Daqui, e do que atrás expuz a respeito da data provável (1 de Agosto) de sua partida de Celorico da Beira, resulta que ele deve ter permanecido cerca de mês e meio na região de Ciudad Rodrigo-Celorico, praso, aliás, não excessivo para a reunião dos contingentes que deviam formar a hoste invasora — houve até um, o do infante Carlos de Navarra, cunhado do Rei, que não chegou a tempo de nela se incorporar, pelo que empreendeu em direcção divergente, a de Lamego, uma incursão de *rabias* (2.^a e 3.^a semanas de Agosto, induzo de Ayala).

Na região acima indicada, e cerca de 13 de Julho, deve D. João I de Castela ter recebido informação de Diogo Gomes Sarmiento, alcaide do castelo de Santarém, de que o «Mestre de Aviz» passara, a 6 de Julho (Vid. *Fernão Lopes*, pág. 22), em frente da vila, na direcção de Lisboa (fora, porém, somente a Alenquer). A essa altura, por certo que já o Rei de Castela assentara no plano,

todavia mantido secreto, de na subsequente invasão não só ultrapassar os «puertos» a nordeste de Coimbra, mas prosseguir até Santarém, base prevista, parece, de novas operações de bloqueio terrestre a Lisboa. E de supor é que, para a parte a sul do Mondego de seu futuro itinerário, ele projectasse — à roda, ainda, de 13 de Julho — marchar pela estrada de Tomar, não pela de Leiria, pois que ela era, segundo se depreende de vários passos de Fernão Lopes, a geralmente seguida, à época, para o trajecto de Coimbra a Santarém. Qual, porém, a provável data em que mudou de opinião, e por que motivos ?

Em primeiro lugar: seria em Coimbra que o Rei de Castela decidiu optar pela estrada de Leiria? Vejamos. Sabe-se, por Fernão Lopes, que contingentes da frota de bloqueio a Lisboa e dos vários castelos do partido castelhano na Estremadura — entre eles, Alenquer, mas não Sintra, segundo creio — foram ter a Leiria para se incorporarem na hoste invasora e assim não faltarem à batalha que, ao tempo, já de certo se calculava que o nosso D. João I lhe iria oferecer. E, pois, evidente que à mesma ocasião havia conhecimento, nos citados castelos, de que a hoste castelhana viria por Leiria, e não por Tomar, em sua marcha de Coimbra para Santarém. Por outro lado, temos que supor que os contingentes acima referidos chegaram a Leiria, o mais tardar, a 12 de Agosto, dia em que a hoste portuguesa, operando no flanco direito de seu itinerário, atingiu Porto de Mós; grande probabilidade há até, penso, de que a data verdadeira tivesse sido anterior de alguns dias. Imaginemos contudo, para maior segurança de cálculo, que ela foi a de 12 de Agosto. Nesse caso, o contingente de Alenquer — o castelo mais afastado de Leiria — devia ter partido a 11 de Agosto, senão antes, pois que a distância itinerária entre as duas vilas regularia por 80 km., o que corresponde a mais duma etapa normal para forças montadas; três, provavelmente, se com estas foram peões. A ter sido, porém, assim, há que admitir que em Alenquer se soube, pelo menos, no dia 10 de Agosto, à tarde, da futura passagem da hoste em Leiria. Ora vão 150 km. de distância itinerária entre Coimbra e Alenquer; tanto vale dizer que um emissário que fosse do arraial de Coimbra a Alenquer participar a futura passagem da hoste por Leiria, teria provavelmente de sair do referido arraial na tarde do dia 8, véspera daquele, 9, em que o exército castelhano

deve ter partido para Soure. Mas à referida ocasião ainda o Rei de Castela, junto a Coimbra, não podia ter conhecimento, por sua espionagem, de que o nosso D. João I marchava, nesse mesmo dia, de Abrantes para Tomar (67 km., em linha recta, de Coimbra). Logo, há que concluir pela quase certeza de que a decisão do Rei de Castela, de vir por Leiria, foi independente da ida do nosso D. João I, de Abrantes para Tomar.

Do que deixo dito se entrevê a probabilidade de que o Rei de Castela houvesse preferido a estrada de Leiria pelo facto de ela passar mais longe, que a de Tomar, do local, Abrantes, em que, por certo, sabia (desde, mais ou menos, 20 de Julho, calculo) que se encontrava o nosso D. João I. Optando pelo itinerário de Leiria ele ficaria menos exposto, que pelo de Tomar, a que a hoste portuguesa lhe saísse ao caminho; outra razão plausível não vejo para justificar a preferência. Porém, como explicar seu propósito, de se esquivar, tanto quanto possível, a batalha campal ? Não teria ele, a seu favor, uma grande superioridade numérica ? Reputo impossíveis quaisquer dúvidas a esse respeito. Há, portanto, que procurar outro motivo. Qual, porém ? Creio que o da pouca confiança, que com razão depositaria quer na capacidade técnica dos capitães da sua hoste (os melhores -haviam morrido de peste no chamado cerco de Lisboa, em 1384), quer na solidez das próprias tropas, em parte, inexperientes — os 2.000 homens de armas falecidos no referido cerco ou mortos em Trancoso teriam sido talvez substituídos, na maioria, por «homens de pé» transformados em escudeiros, pela atribuição de montadas e de armas defensivas e ofensivas próprias de ginetes ou de «lanças castelhanas». Exemplos de casos análogos, embora em reduzidíssima escala, vêmo-los na Parte 1 da Crónica do nosso D. João I, referidos às forças portuguesas do Alentejo em 1384.

3.º Omissão do efectivo da hoste castelhana.

Já atrás comuniquei as razões pelas quais creio que Ayala devia conhecer — embora não com rigor — o efectivo do seu partido em Aljubarrota, pelo menos no que dizia respeito aos homens de armas ou *lanças castelhanas* (couraceiros, que, apesar de montados, já em geral actuavam como infantaria pesada), aos ginetes (verdadeira cavalaria ligeira, em maioria procedente da Andaluzia) e aos bés-

teiros, a pé e a cavalo. Contudo, é certo que o omitiu em seu relato da batalha, apesar de neste lhe não haver esquecido a estimativa— para mais, segundo parece, bastante exagerada — das forças do partido adverso. O contraste, realmente estranho, feriu o patriotismo de Fernão Lopes, como sobressai das palavras, ácidas, com que se lhe refere. Sem perfilhar inteiramente essas palavras (a meu ver, Fernão Lopes não está, de todo, isento de culpas análogas), julgo, entretanto, que o caso merece, ainda hoje, particular atenção. Nessa ordem de ideias, começarei por dizer que o exame das quatro crónicas de Ayala, desde a de D. Pedro I à de Henrique III, nos revela ser costume do autor a indicação dos efectivos das hostes contrárias e amigas, nas concentrações, alardos, combates e batalhas de que se ocupava. Seguem alguns exemplos :

Concentrações das forças de D. Pedro I de Castela e seu irmão, e rival, o Conde D. Henrique, em 1360: «E el conde Don Enrique [...] é los que con ellos estaban en Pancorvo podían ser fasta mil é quinientos de caballo, é compañías de pié fasta dos mil ornes ; é las compañías del Rey» (de cujo partido era, ainda então, Ayala) «crescian de cada dia, é tenia el Rey en Briesca» (40 km. a NE. de Burgos e 20 a SE. de Pancorbo) «cinco mil de caballo, é diez mil ornes de pié...».

Concentração da hoste de D. Pedro I de Castela contra Aragão (1361) : «... el Rey de Castilla tenia grandes compañías, ca eran estonce con el seis mil de caballo, é muchas gentes de pié». A este tempo, ainda Ayala continuava de seu lado.

Batalha de Nájera, (1081): «. . . tenia el Rey Don Enrique» (sob cuja bandeira já Ayala combateu na mesma batalha) «el día desta batalla en su compañía de los» (homens de armas) «que iban de caballo é de pie» (parte deles ficou a cavalo; parte apeou) «quatro mil é quinientos de caballo ; é otrosí tenia el Rey Don Enrique de las Montañas, é de Guipúzcoa, é Vizcaya, é Asturias muchos Escuderos de a pie ; pero aprovecharon muy poco en esta batalla, ca toda la pelea fué en los ornes de armas». Agora, referindo-se aos adversários (partido de D. Pedro I, constituído principalmente por mercenários ingleses e gascões, sob o comando do Príncipe de Gales, também assalariado) : «... eran todos estos diez mil omes de armas, é otros tantos flecheros» (estimativa, provavelmente, exagerada).

Batalha de Montiel (1369): «E asi ayuntó el Rey Don Enrique alli» (em Orgaz, a sul de Toledo) «todas sus compañías para pelear, que podían ser todas fasta tres mil lanzas ; é de Ginetes é de ornes de pie non curó de ayuntar salvo aquellos ornes que iban con los Señores é Caballeros segund solian de andar alli», (i. é, como gente das companhas habituais dos *capitães* da hoste). Quanto às forças do adversário, D. Pedro I, «... podían ser todos Castellanos é Ginetes tres mil lanzas: é Caballeros Moros» (contingente auxiliar do Reino de Granada) «eran mil é quinientos de caballo».

Alar do na Rioja (1374): «El Rey Don Enrique desde ovo todas sus compañías juntas, partió de Burgos e vinose para Rioja» (a fim de acudir a uma ameaça de invasão do Duque de Lancastre, que contudo não chegou a efectivar-se) «... é fizo alli facer a los suyos alardo, é falló cinco mil lanzas castellanos, é mil é doscientos ginetes, é cinco mil ornes de pie».

Invasão do Infante D. João de Castela — depois D. João I — em Navarra [1378]. Efectivo da hoste: «... quatro mil lanzas, é muchos ornes de pie ballesteros é lanceros de las Montañas de Vizcaya, é Guipúzcoa é Alaba, que son cerca de alli...».

Marcha de D. João I de Castela, de Zamora para Badajoz, ameaçada pelo nosso D. Fernando e o Conde de Cambridge, então em Elvas (1382): «... llevaba consigo cinco mil ornes de armas, é mil e quinientos ginetes é mucha gente de pie ballesteros é lanceros» ; «E el-Rey de Portugal tenia tres mil ornes de armas [...] é Mosen Aymon» (Edmundo, conde de Cambridge) «tenia mil ornes de armas de Ingleses, é mil frecheros. E cada uno de los Reyes avia asaz compañías de pie».

Combate de Trancoso (1385; primeiros dias de Junho): «... eran trescientas lanzas» (os bomens de armas castelhanos). Ayala omite, porém, os ginetes, besteiros e homens de pé, assim como os pagens e azeméis. A ajuizar pelas indicações de Fernão Lopes o efectivo total seria, no mínimo, de 1.800 homens, combatentes e não-combatentes. Quanto ao efectivo português, o cronista castelhano limita-se a dizer que nele se contavam «muchos peones». Mais explícito, Fernão Lopes, que eleva a quatrocentas as lanças castelhanas e calcula as portuguesas em pouco mais de trezentas, diz que «os castellaos tinham vantagem de bõs ginetes e homés de armas e os portugueses melhora [...] de muitos e maos

peoés», pois que entre os «homëis de pee» poucos havia que «de boa criaçãõ fossem» (i. é, que tivessem sito educados nos solares dos fidalgos ou pertencessem às *companhas* permanentes destes últimos).

Combate de Mértola (i380; final de Junho ou princípio de Julho, parece). Castelhanos: «trescientos ornes de armas é ocho-cientos de pie» ; portugueses : «docientos ornes de caballo é quatro mil de pie». A talho de fouce, chamo a atenção para o facto de Fernão Lopes não aludir, sequer, a essa vitória, embora pequena, do partido contrário, facto que julgo poder conjugar-se com sua atenuaçãõ de outro sucesso castelhanõ ocorrido pela mesma altura, cerca de Arronches.

Mesmo para uma campanha fora da Península, em que tomou parte — a atrás citada, de Roosebeke — Ayala entendeu dever mencionar o número de lanças do seu partido: «...el Rey de Francia entró en tierra de Flandes, é levaba consigo estonce seis mil ornes de armas de caballeros é escuderos...». Por que motivo se desviou de seu costume ao tratar de Aljubarrota ? Só por esta ter sido urna derrota de seu soberano? Não, de certo, porque então não dera o número de homens de armas de Henrique II, em Nàjera. Assim, sou levado a suspeitar de que a causa ou, melhor, as causas de Ayala haver omitido o efectivo castelhanõ da invasãõ de 1385 foram as circunstâncias, inteiramente diferentes das de Nàjera, em que o desastre de Aljubarrota se produziu: flagrante inferioridade numérica do vencedor ; impossibilidade, por outro lado, de equiparar as suas, na maioria, inexperimentadas tropas aos homens de armas, veteranos, do Príncipe Negro, que «eran estonces la flor de la caballería de la Christiandad». A pena de Ayala — cortesãõ, diplomata e letrado (foi-o mais do que homem de guerra) — não corria despreocupadamente ; torneava, com precauçãõ, os pontos melindrosos... Antes de mim o observou, há quase vinte anos, um sagaz investigador espanhol, conquanto a propósito de assunto de diversa natureza: «Ayala trata la ingerencia de Portugal en el reinado de don Pedro con arte sutil, dándole una forma *sui generis*; como si quisiese justificar que, cuando escribía, era más oportuno no hablar de los conatos de enlaces matrimoniales entre las dos dinastias, la castellana y la portuguesa, nada dice ni deja entrever» (Amalio Huarte y Fchenique, *Pedro I de Castilla y la Infanta Beatriz de Portugal*, Madrid, 1934, págs. 26 e 27).

Contudo, o silêncio de Ayala quanto ao efectivo castelhano de Aljubarrota não consegue impedir-nos de chegar a uma estimativa do *mínimo* admissível para a *ordem de grandeza* desse efectivo ; e o que é mais curioso é que os elementos para tal estimativa se podem, em parte, extrair de certos passos do próprio Ayala. O primeiro encontra-se intercalado em o relato das discussões no Conselho do Rei de Castela, durante o estacionamento de Ciudad Rodrigo, entre os adeptos da então chamada «guerra guerreada» e os partidários da oportunidade de uma invasão profunda, com o exército reunido. Alegavam estes, perante o Soberano, que «non se les entendia que el Maestre Dauis fosse osado de pelear con él, é puesto que pelear quisiese que non tenia tantos nin tan buenos Caballeros é gentes como él levaria». Do segundo passo vê-se que, também ao tempo e em Ciudad Rodrigo, se estimava em duas mil o número de lanças do adversário — «fasta dos mil ornes de armas» — além, parece, das do pequeno contingente auxiliar inglês. O terceiro — esse incluído já na descrição da batalha — diz respeito às tropas do nosso D. João I em Aljubarrota, que Ayala avalia em «fasta dos mil é doscientos ornes de armas» (mais quinhentos que Fernão Lopes) «é diez mil ornes de pie, lanceros é ballesteros» (o dobro dos indicados pelo nosso cronista). Assim, pois, o cálculo de Ayala, para a hoste portuguesa, eleva-se a uns 12.000 combatentes, donde podemos inferir que, em sua opinião, o efectivo total daquela (não-combatentes incluídos) atingiria, pelo menos, 15.000 homens.

Bastariam, afigura-se-me, os passos acima transcritos do texto de Ayala e a singular omissão, no mesmo texto, do efectivo castelhano, para concluirmos pela extrema probabilidade de que o referido efectivo (não-combatentes incluídos) no dia da batalha alcançasse, pelo menos, 16.000 homens. Claro que falo da hoste em seu conjunto; não da fracção — menos, talvez, de 5.000 homens — que realmente se empenhou em combate corpo a corpo ou de atiradores, em todo o campo da batalha, «curral» português incluído. Na verdade, operando sobre bases diversas — mais seguras, a meu ver, do que as que de Ayala extraí para o cálculo precedente — cheguei a uma estimativa um pouco maior (vinte mil homens, números redondos) para o *limite inferior* do largo intervalo de indeterminação dentro do qual ainda hoje permanece a incógnita do verdadeiro efectivo da hoste castelhana.

4.º *Omissão da 1.ª posição portuguesa no dia da batalha.*

Avala so menciona urna das duas posições, directamente opostas, tomadas pelos nossos — a segunda, como se vê de seu relato: «é puso» (o Mestre de Aviz, como ele escreve) «su batalla» (i. é, suas forças já desenvolvidas para combate) «a dos leguas dende» (de Porto de Mós) «en una plaza» (em um local) «que de las dos partes era llano, é de las otras dos avia dos valles». De facto, estas circunstâncias apenas ocorreram na posição de S. Jorge, costas para Leiria; não na primeira, frente para esta vila e definida, sem dúvida, por certos esporões a sudoeste do sítio do actual mosteiro da Batalha, cujo terreno de acesso só era plano do lado da rectaguarda ou, seja, o de Aljubarrota.

E, na verdade, estranho que Ayala não haja aludido à primeira posição portuguesa e sua força defensiva, caracterizadas, aliás, pelo seu Rei, num dos passos, que atrás transcrevi, da célebre carta a Murcia. Não referindo essa posição, Ayala calou, consequentemente, o movimento torneante da hoste castelhana, destinado, em princípio, a atacá-la pela rectaguarda, o qual, todavia, consta do relato do Rei de Castela, na carta há pouco citada, e das descrições dos nossos dois cronistas : o biógrafo anónimo do Condestabre e Fernão Lopes.

Veja-se o Anónimo: «E elrey de Castella nom quis vijr aa batalha da parte de Leirea, como vinha. E como elrey e o Condestabre tijnham concertada: e esto pelo poo e vento que lhes dava nos rostos» (a principal razão foi, porém, a do acesso difícil, invocada pelo Rei de Castela) «e passouse dAljubarrota e desta parte» (i. é, do Sul) «veo, polla qual rrazam foy forçado a elrey e ao Condestabre mudarem suas batalhas» (entenda-se: grandes unidades tácticas) «tornando os rrostros contra Aljubarrota, donde» (i. é, de cuja direcção) «os castellãos já vinham».

Agora Fernão Lopes : «Tendo elRey posta sua batalha com os rostos para leiryra donde os Imiguos aviã de vyr, era jaa o dia é boa altura acerqua das dez oras [...] E aguardando elle desta guisa começara daparecer as gentes de elRey de castela [...] E vindo muyto de seu vaguar chegarão acerqua dos portugueses sendo jaa o sol no meo dia. E quando os viraõ» (aos portugueses) «estar na estrada onde ora he feyta a Igreja de São Jorge não quiseraõ» (os castelhanos) «peleyar cõ elles» (portugueses) «de

rostro mas começãose de hyr contra aljubarrota da parte que he contra o maar». Mais adiante : «E tendo elrey e o conde sua batalha asy concertada e o sol partido por meo [...] pensando que os castelaõs como ouuesem deles vysta que logo se trabalhasem de os cometer, e elles» (castelhanos) «passaraõ da parte da alla esquerda da guysa que disemos contra aljubarrota per a quall rrezam foy forçado a elRey e ao conde mudarem suas batalhas de como as tinhaõ ordenadas com os rostos para leiryra e as tornaré contra onde estauaõ seus liguos» (B. N. L., códice 390 Mss).

5.º Afirmação de que a iniciativa da entrevista dos parlamentários, antes do começo do combate, partiu de Nuno Alvares.

Vem, claramente expressa, no seguinte período: «E algunos Caballeros del Rey fueron llamados é requeridos por Nũño Alvarez Pereyra, Condestable de los enemigos, que queria fallar con ellos... ».

De seu lado, porém, os textos portuguezes, quer o do anónimo da Crónica do Condestabre, quer o de Fernão Lopes, atribuem a iniciativa da entrevista ao próprio Rei de Castela. Vou trasladar os passos dum e doutro que ao caso interessam, começando pelos do Anónimo: «... ante q fosse a batalha: vierom ao Condeestabre Pero López de Ayala que depois na batalha foy preso [...] fallando a salua fe : dizédo que lhe trazia recado ao Cõdeestabre: del Rey de Castella [. .] que se passasse pera elle que o podia bem fazer, e q ele o acrecentaría e lhe faria muytas merçes de que ele fosse bem cõtente [...] Os mesajeiros quizeram mais fallar sobre esto : e o Cõdeestabre lhes disse q se fossem muyto embora: senom que lhe mandaria tirar as seetas». Agora os de Fernão Lopes: c... por avysam.^{tü} de ver os portuguezes como estavaõ, chamou el Rey a p.º lopez dajalla [...] dizendo» (a Ayala e aos outros parlamentários) «algvas cousas quee fossem fallar cõ elle» (Nuno Alvares) «mostrando que o avia por proueito de huia e da outra parte».

De que lado estará a verdade : do de Ayala ou do do Anónimo e Fernão Lopes ? Julgo não poder haver dúvidas, em virtude das palavras seguintes que Ayala, no final de seu relato da entrevista, deixou escapar: «E los Caballeros de Castilla que todo eso hablaron aquel dia con Nũño Alvarez cataron é avisáronse bien de la

ordenanza que tenían los de Portugal». Fernão Lopes e o Anónimo devem, pois, ter tido razão em atribuir aos castelhanos a iniciativa da entrevista, cujo fim principal, oculto, se entrevê ter sido o de examinar, a pequena distância, o dispositivo de combate português. E possível, e até' provável, que o Anónimo não haja lido Ayala; Fernão Lopes, porém, que o leu, atentou, por certo, nas últimas palavras que transcrevi de Ayala, pois que parafraseou uma delas no passo que, há pouco, dele trasladei.

*

**

Justo é que, após haver salientado certas deformações e omissões, intencionais ou não, que observei no relato de Ayala, passe agora a ilibá-lo dalgumas das censuras que lhe dirigiu Fernão Lopes. Começarei pela que se refere à forma como o cronista castelhano descreve o terreno da segunda posição portuguesa. Apresenta ele essa descrição, não em seu nome, mas como feita em conjunto, ao Rei, pelos parlamentários que haviam voltado da entrevista com Nuno Alvares, em resposta à pergunta do Soberano, de que ales parecia» da «ordenanza que tenían los de Portugal de su batalla». Nenhuma dúvida pode, contudo, existir em que, tendo sido Ayala um dos parlamentários, a referida descrição deve representar as reminiscências de sua observação pessoal.

Isto posto, vou extractar dois passos do relato em questão : «...segund avernos visto la ordenanza de la batalla, la vuestra auanguardia está muy bien, é en buena ordenanza para pelear contra la auanguardia de los enemigos». Revelam estas palavras que, quando os parlamentários se dirigiram às proximidades dos portugueses, já a vanguarda castelhana, que, semelhantemente à portuguesa, constituía o centro da 7.^a *linha táctica* de seu partido, se encontrava desenvolvida ou acabando de se desenvolver. Continuando : «Pero [...] las dos alas de los vuestros tienen delante dos valles que non pueden pasar para acometer à vuestros enemigos». Deste período e da análise do terreno se infere que as alas castelhanas foram dispostas, como *flancos ofensivos*, alguns centos de metros para lá da linha em que a vanguarda formou: uma, a oeste, na margem esquerda do regato de S. Jorge ou de Yale de

Madeiros, ameaçando o flanco direito da hoste portuguesa; outra, a leste, na margem direita do ribeiro do Vale da Mata, contra o flanco esquerdo dos nossos. Mais adiante, ao descrever o desenrolar do combate, conta Ayala que «las dos alas de la batalla del Rey non pudieron pelear, que cada una delias falló un valle que no pudo pasar». Algumas linhas depois, insistindo: «... los de las dos alas de Castilla non peleaban, ca non pudieron pasar los valles que tenian delante, segund dicho avernos».

Vejamos a crítica de Fernao Lopes: «... tal escrever foy bulrra composta para enguanar os que o não sabem, caa hy nao haa vales ne ouuteiros que lhe nojo podessem fazer, mas todo hee charnequa rasa é que caberyaõ dez tamanhas batalhas» (!••) «E se os hy avia, cullpa de quem a ordenaua, mas disseraõ jsto por emcobrir suua maa fortuna e minguoa de aquecimento, ca este mesmo Autor» (Fernao Lopes nunca o cita pelo nome) «no cap.º que se começa o mestre dAvys quue se chama rey, diz que partimdo elRey de castela de soyre chegou a huü praça» (local) «a hua leguoa e mea dos jmiguos» (refere-se a Leiria) «e no outro dia foy acerqua delles, onde tinham sua batalha posta e posse acerqua ã huü campo muy» (Este «muy» não vem em Ayala) «chaõ, E aly ordenou sua batalhas» (i. é, grandes unidades tácticas). «E pois que em huü luguar diz campo chaõ e é outros vales tam esquivos que pasar nõ podiam, tenhamos sua obra em pouqua reputaçãõ, pois que falou em çertos paços o contrairo da verdade, por abater na vytorya de seus jmiguos». Algumas páginas adiante, torna à carga: «aly» (na segunda posição portuguesa) «naõ avia melhorya de campo que os portugueses tiuese escolhido, ne montes, ne vales que torvasem seus jmiguos, como alguüs mal escrevendo é seus liuros quere comtar, que tudo era campinna jgual, sã nenhü estoruo a amballas partes a qual o trilhamento das bestas e pasar dos hornees tornou asy rasa e taõ chaã como prano resyo sã nenhüa erva».

Não há, porém, contradição alguma de Ayala entre sua referência ao «campo llano» cerca dos portugueses, para o qual foi o Rei de Castela, e as repetidas alusões que, por outro lado, faz aos vales que as alas não puderam transpor. O primeiro, ou foi o planalto da Calvaria (i.500 m. a O. da 2.ª posição portuguesa) ou, talvez melhor, o começo da explanada que do chamado Entroncamento de S. Jorge (estradas de Aljubarrota-Batalha e Calvaria-

-Porto de Mós) desee suavemente para a ermida de S. Jorge (uns 1.200 m. a NE.) e de lá prossegue, na mesma direcção. Quanto aos vales, nenhuma dúvida pôde haver em que foram os que, abrindo-se a uns 500 m. do referido entroncamento, desde lá correm para NE., limitando, a E. e O., a explanada referida até o final dela, i. 600 m além da ermida e muito perto dos esporões, quase sobranceiros à actual vila da Batalha, que constituíram a i.ª posição portuguesa.

Não têm os mesmos vales, é facto, grande profundidade — apenas, uns 20 a 30 m. — em frente da, a meu ver, provável situação dos flancos da hoste portuguesa em sua 2.ª posição, flancos esses correspondentes à distância entre os pontos médios das duas linhas tácticas e extensos, calculo, de uns 150 m. nos bordos da explanada, um pouco a N. da ermida. Mas os declives das encostas é que ainda hoje vão, apesar do escorregamento das terras em quase seis séculos, de 12 a 25 e até, embora excepcionalmente, 40 e 50°/o. Por outro lado, não será talvez desarrazoado imaginar que as alas castelhanas ficaram a cavalo, seguindo o exemplo das de Henrique II em Nàjera. E evidente que, em tais condições, lhes seria muito difícil a execução de um ataque, em *ordem unida*, aos flancos portugueses, tanto mais que estes podiam ser — se já de começo não estavam — rápida e fortemente guarnecidos por consideráveis forças de «homens de pé» (calculo 1.200 em cada flanco) e alguns centos de bêsteiros e arqueiros, cujas armas tinham alcance eficaz até o fundo dos vales opostos. Que encostas de inclinações iguais às das vertentes dos vales em questão eram, ao tempo, consideradas pouco praticáveis a um ataque *unitário* de forças importantes de «homens de armas» mostra-o, com clareza, a desistência do Rei de Castela, no próprio dia da batalha, a atacar os esporões da i.ª posição portuguesa, cujos declives regulam hoje por 12 a 20%.

Do que fica dito ressalta, creio, a injustiça de Fernão Lopes para com Ay?la, no que respeita à descrição, por este, do terreno de acesso à 2.ª posição portuguesa. Não haveria ele nunca estado no campo da batalha? Tudo leva, porém, a suspeitar que esteve, já por que é supor que tivesse ido a Alcoabaça, tão perto, para investigações no cartório monástico ; já, principalmente, porque no original, perdido, de sua crónica existia um esboço dos dispositivos de combate das duas hostes, portuguesa e castelhana.

Consta isso, com evidência, dos passos que vou trasladar. Primeiro, relativo ao dispositivo castelhano: «... porque a cousa nunca se também» (tão bem) «decrara por semelhança como por ela mesma, asy nos, que o também por escritura dizer não podemos como aconteçeo, mostramos aquy figurada da guisa como estavam prestes» (Códice 390 Mss. da B. N. L., bem como os utilizados por Entwistle⁽⁵⁾ e pelos Srs. Drs. Lopes de Almeida e Magalhães Basto). Segundo passo, no começo do capítulo imediato: «Postas as batalhas como ouuis e vedes pintadas...».

Seria, porventura, o terreno, à época de Fernão Lopes, tão difícil de examinar como hoje, em que a arborização e o elevado número de casas impedem uma visão de conjunto? Não creio, pois que, se tivesse sido assim, mal se compreenderia que o nosso cronista lhe chamasse, em certo passo, «charnequa rasa» e, noutro, acentuando, dissesse que tudo era «campina igual», que depois, pelo movimento das tropas, ficou tão chã como rocio plano, sem erva alguma.

*

**

Apontadas as deficiências quer do texto de Ayala relativo a Aljubarrota, quer da crítica que àquele fez Fernão Lopes, resta-me expor o que suspeito quanto à origem da maioria das do referido texto.

Em primeiro lugar, deve ter havido da parte de Ayala — já atrás o disse, incidentalmente — o propósito de, tanto quanto possível, omitir certos pormenores cuja recordação iria desagradar na corte de que ele fazia parte. Outro motivo também se não entrevê para explicar o facto — antes de mim notado pelo Sr. Marquês de Lozoya — de Ayala, em sua descrição, saltar os episódios do choque táctico como se passasse sobre brasas (Artigo intitulado *El cronista don Pero López de Ayala y la historiografia portuguesa*, in *Boletín de la Academia de la Historia*, vol. cu, ig33, pág. 142).

Em segundo lugar, é em rigor possível que, à data da redacção do texto, Ayala se não lembrasse, com precisão, de várias

(5) Trecho publicado por Alfredo Pimenta nas *Fontes medievais da História de Portugal*, vol. 1, 1948, pág. 319.

minúcias. Com efeito, essa redacção deve, calculo, ter sido posterior de, pelo menos, dez anos a 1385, por isso que, em tempos de Henrique III (portanto, depois de 9 de Outubro de 1390), ainda o autor estava, segundo parece, escrevendo o relato de sucessos ocorridos trinta e um anos antes de Aljubarrota, como se depreende do seguinte passo, incluído na parte da Crónica de Pedro o Cruel correspondente a 1354: «... Dona Constanza, la qual casó despues con el Duque de Alencastre é ovieron fija à la Reina Doña Catalina, que es agora mujer del Rey Don Enrique». Ressalvo, contudo, a possibilidade duma interpolação de copista.

Fossem, porém, quais fossem os motivos das falhas — chame-mos-lhe assim — que, por vezes, me surgiram ao analisar as páginas de Ayala consagradas à campanha de 1385, hesito em subscrever sem restrições o juízo a seu respeito do, aliás, grande Zurita, no qual é classificado de «muy cierto autor, y graue de las cosas de aquellos tiempos» (*Los cinco libros postreros de la primera parte de los Anales de la Corona de Aragon*, tom. II, 1610, fl. 317). Nem sempre se pode confiar na autoridade dos Mestres... E uma prova mais disso fornece-a também o mesmo Zurita, agora noutro passo em que, por distração, atribue à hoste castelhana de Aljubarrota o efectivo que Ayala dá para a portuguesa: «... puso» (o *Mestre de Aviz*) «su géte en ordē para salir a dar la batalla al Rey de Castilla. Auia juntado todo su poder el Rey dō luán, y entró en el reyno de Portugal por el mes de ludio deste año» (MCCCLXXXV) «Cō dos mil y doziétos hobres de armas, y con diez mil de pie ballesteros y lâceros...» (ob., tom. e ed. cit., fl. 384). Quem, todavia, poderá jamais considerar-se livre de traiçoeiros lapsos de atenção?... .